

A alteridade imanente ao cuidado pelo outro



Como quase sempre os segredos dos seres estão bem guardados e, por isso mesmo, não sei até que ponto é uma veleidade exclamar pelo sentido íntimo do homem ou pelo contrário um nascer de novo, uma tentativa de estilhaçar esse vidro que separa o homem da vida, como escreveu Fernando Pessoa. Curioso é tentar fixar com a palavra- porque a palavra confina as constantes mutações da vida- numa corrida quieta, a proximidade do homem com o outro.

Quando a cada minuto o homem se distancia de si próprio e acolhe a ausência na satisfação, perigosamente, imediata das suas carências ou, então, com o joelho ileso no chão pede a novos deuses reinventados que o ajudem na aquisição de títulos, na compra de um automóvel ou nas férias de luxo. esta situação, paradigma da nossa contemporaneidade, suscita-nos perplexidade. Talvez por ter sido extinto esse elo filial que nos unia à essência da vida. Esses deuses evocados, tornam-se, assim, simples redutos das nossas emoções, infecundos, veículos de divertimento que distraem o ânimo, que pesa na quotidianidade do homem. Se coexistimos com este malogro da metafísica é necessário, por outro lado, fixar a nossa existência, debruçarmo-nos sob o seu sentido, procurar a aurora da vida, como evoca Antero de Quental:

Tu casta e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, puro e vibrante,
E enche de força o coração triunfante.
Dos que ainda esperam, luz imaculada!

E esse renascimento da vida passa por um apelo a nós próprios, que se desdobra numa inquietação salutar deixando suspenso o olhar sob a nossa individualidade. Isto é, só quando nos estimamos e que podemos estimar o outro e encontrar o cuidado pelo outro. É, então, necessário redefinirmos o sentido de uma vida feliz- *beata vita*- porque a vida feliz é a do homem que se pode realizar em toda a sua plenitude. So este pode olhar para si próprio e ter alguma estima de si, que não passa por um problema egológico, mas pela aceitação de si. Por isso, o cuidado por si não é uma preocupação egoísta e, tão só, um ponto de partida, porque ao dialogar comigo mesmo sou capaz de dialogar com o outro. A existência de um outro eu é a condição da auto-consciência, porque a auto-consciência precisa do reconhecimento do seu eu por um outro eu. "O modo original do Homem envolve a auto-compreensão do seu ser-no-mundo, sempre já com os outros", como evidenciou Heidegger.

O homem deseja isto e tem uma pre-ocupação por si- aqui o prefixo indica uma dinâmica da inter-subjectividade- porque quando eu me preocupo por mim também me preocupo com os outros. E sob o signo da solicitude, que esta aqui imanente a estima por si. Mas a solicitude não se junta de fora à estima de si, mas é porque dialogo comigo que eu sou capaz de dialogar com o outro, de me despregar. E é neste desejar, que o outro descobre o caminho que eu tento descobrir e que surge, nesta cumplicidade, o cuidado pelo outro. Porque é nessa distensão de mim ao outro que eu me revejo e este rever-me no outro deduz-se na reciprocidade. Então não me posso estimar a mim mesmo sem estimar o outro como eu mesmo. E como eu mesmo significa "tu também". Tu és capaz de começar alguma coisa no mundo, na linguagem de Merleau-Ponty: "eu sou este ser que pode", que passa de um plano físico para um plano ético. Tu também podes agir por razões, hierarquizar preferências, de estimar os fins das tuas acções e, assim, de te estimar a ti mesmo como eu me estimo. E é nesta fenomenologia do "tu também" e do "como eu mesmo" que repousa o sentido do

"cuidado pelo outro". Porque se assim não fosse caminharíamos como sombras ou falaríamos um discurso de surdos sem nos entendermos.

Detendo aqui o olhar de lince (aquele que vê para além), se não retomarmos, com cada vez mais emergência, o momento dialógico deste "cuidar do outro", a vida culminará, lentamente, num monitor, entre milhares de sites ou na voz distorcida de um auscultador e, de repente, eis-nos voltados para a ausência, apelando à mortificação do corpo e à exultação da distância... Todavia e de qualquer forma ao perigo da misantropia.



Fundação Cuidar o Futuro